

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

At 2) Gênero, cidadania e participação política

**REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, GÊNERO E
ESTEREÓTIPOS: ANÁLISE DE ASPECTOS
DISCURSIVOS DA ATUAÇÃO DAS VEREADORAS DE
BELÉM E DE MANAUS NO FACEBOOK**

Nathália Lima Kahwage
(PPGCom/UFPA)
Danila Gentil Cal
(PPGCom/UFPA)

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, GÊNERO E ESTEREÓTIPOS: ANÁLISE DE ASPECTOS DISCURSIVOS DA ATUAÇÃO DAS VEREADORAS DE BELÉM E DE MANAUS NO FACEBOOK

POLICY REPRESENTATION, GENDER AND STEREOTYPES: ANALYSIS OF DISCURSIVE ASPECTS OF BELEM AND MANAUS COUNCILORS 'ACTION ON FACEBOOK

Nathália Kahwage¹

Danila Cal²

Resumo: A sub-representação feminina na política formal é um dos reflexos das desigualdades de gênero que marginaliza a presença feminina (MIGUEL; BIROLI, 2011, 2013, 2014, 2015; BIROLI, 2018). Considera-se o conceito ampliado de representação política, com a adesão de outras formas de fazer política (MANSBRIDGE, 2003; GARCÊZ, 2017) discursivamente, inclusive em ambientes comunicacionais como as mídias digitais. Objetiva-se compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no Facebook. O corpus é composto por 210 vídeos analisados, por meio de análise de conteúdo, entre 2015 e 2018. Conclui-se que o estereótipo central foi o de *Mãe* que se relacionou, principalmente, com temas da área social como Educação, Cidadania e Deficientes.

Palavras-chave: Representação política discursiva; Gênero; Estereótipos; Mídias digitais; Facebook.

Abstract: Female under-representation in formal politics is a reflection of gender inequalities that marginalize women's presence (MIGUEL; BIROLI, 2011, 2013, 2014, 2015; BIROLI, 2018). The broad concept of political representation is considered, with the adherence of other forms of politics (MANSBRIDGE, 2003; GARCÊZ, 2017) discursively, including in communication environments such as digital media. It aims to understand how both the councilors of Belém and Manaus use stereotypes to redefine the exercise of political activity through the videos posted on their personal profiles and Facebook fanpages. The corpus consists of 210 videos analyzed through content analysis between 2015 and 2018. The conclusion points to the central stereotype of Mother, which was mainly related to social issues such as Education, Citizenship and Disabled People.

Keywords: Discursive political representation; Gender; Stereotypes; Digital media; Facebook.

¹Mestra do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), integrante do Compoa, nathalia.kahwage@gmail.com

²Docente do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa), danilagentilcal23@gmail.com

INTRODUÇÃO

Existe um conjunto de mecanismos institucionais³ causadores da distorção política de gênero, e que estão ligados a questões estruturais, como a divisão sexual do trabalho (OKIN, 2008; BIROLI, 2018). As barreiras de caráter extralegal, e não perceptíveis formalmente, dificultam a carreira política feminina (PINTO; SILVEIRA, 2018; MATOS, 2018; PANKE; IASULAITIS, 2016; PANKE, 2016; MIGUEL; BIROLI, 2013; OKIN, 2008) e criam uma rede de privilégios para os homens legitimarem sua atuação na política formal. Afinal, embora eleitas, ainda enfrentam diversos constrangimentos e desigualdades de gênero nesse campo. Porém, tal contexto não pressupõe um lugar de passividade e de submissão às mulheres, ainda que o contexto de dominação se demonstre tão presente. A ação individual e coletiva de grupos marginalizados, como o das mulheres, pode levar à expansão do “espaço discursivo” (BIROLI, 2018), e à abertura para experiências diferenciadas (PINTO; SILVEIRA, 2018), em ambientes hegemônicos, e predominantemente masculinos – como é o caso da política institucional -, ressignificando as relações de poder compreendidas, neste artigo, para além do sentido de dominação (*power over*), e sim também como empoderamento (*power to*), resistência (*power to*) e solidariedade (*power with*) (ALLEN, 2013, 1998; CAL, 2016). Os estereótipos entram, nessa dinâmica, como atalhos comunicacionais (BIROLI, 2011), e estratégias de comunicação política (PANKE, 2016), capazes de promover, em certa medida, mais mobilidade aos sujeitos e grupos.

O alargamento na definição de *representação política* pode ser realizado sob uma perspectiva comunicacional, ou seja, discursivamente, pelas trocas entre os sujeitos, nos diferentes ambientes comunicacionais. Pode ser reconfigurada a partir de um *relacionamento* a ser investido entre as partes, ao longo do tempo, e capaz de ocorrer por vieses menos convencionais - como o discursivo -, e em ambientes menos comuns - como o *online*. É o que objetiva este artigo: compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no Facebook. Panke (2016) organizou os três principais estereótipos femininos na política: Mãe, Guerreira e Profissional. Eles serão guias na busca pela solução do problema de pesquisa e também analisados, sob as diferentes relações de poder. O **corpus** é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18^a

3 Para Miguel e Biroli (2014), a sub-representação é causada, fundamentalmente, por três fatores: o isolamento da mulher na vida doméstica, que influencia em uma rede de contatos mais reduzida; a dupla jornada de trabalho feminina, que reduz o tempo livre para outras atividades; e o padrões de socialização (papéis de gênero), que inibem a participação das mulheres na esfera política por se entender, socialmente, que é um ambiente masculino.

Legislatura (2017-2020): Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM), da 17^a Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares de Belém e 124 são das parlamentares de Manaus. O recorte incluiu as postagens a partir do dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). O método utilizado foi o de análise de conteúdo.

Destaca-se que as sete vereadoras estão situadas geograficamente na Amazônia, um *locus* periférico em nível nacional, onde vivem a realidade da região e possuem experiências marcadas por particularidades locais, sejam elas vivências de opressão ou de enfrentamento. São elas: 1) Blenda Quaresma: do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido do espectro político centrista. Tem 32 anos, nasceu em Belém, é profissional liberal (bacharel em Direito e empresária) e ocupou, pela primeira vez, um cargo público, em 2017, ao assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal. Possui atuação política voltada, principalmente, para o esporte e a saúde. Realiza, com certa frequência, ações sociais, em bairros periféricos da cidade, e possui grande vínculo com a figura do pai, o deputado estadual Dr. Wanderlan Quaresma (MDB); 2) Marinor Brito é líder do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), legenda de extrema-esquerda. Professora, assumiu um cargo público, pela primeira vez, em 1996, quando foi vereadora. Ela tem 62 anos, nasceu em Alenquer, município no Baixo Amazonas, no Pará. É atuante como parlamentar, principalmente, em questões culturais, direitos humanos, melhorias na estrutura urbana da cidade e questões de gênero; 3) Simone Kahwage é do Partido Republicano Brasileiro (PRB), legenda de centro-esquerda. Ocupou, pela primeira vez, um cargo público, em 2017, ao assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal. Tem 41 anos, nasceu em Belém, é casada, profissional liberal (administradora) e segue a linha conservadora. Na atuação anterior à eleição, desenvolvia trabalhos na área social da igreja evangélica, da qual faz parte – os quais permanecem também, durante o mandato parlamentar; 4) Glória Carratte é líder do Partido Republicano Progressista (PRP) na Câmara Municipal de Manaus. Mantém posicionamento partidário de apoio à gestão municipal de Arthur Neto (PSDB). O primeiro cargo público foi ocupado em 2004, como vereadora. Está no quinto mandato. Tem 57 anos, é natural de Rondônia, e casada com o ex-deputado estadual Miguel Carratte; 5) Joana Darc Protetora, é do Partido Republicano (PR), legenda de centro-direita. Assumiu, pela primeira vez, um cargo público, em 2016, como vereadora da CMM. Tem 29 anos, nasceu em Manaus, é casada, ativista dos direitos dos animais, advogada e servidora pública concursada até

sua eleição, em 2017. Foi a vereadora mais jovem de toda a história da CMM. A atuação em defesa da causa animal tem sido sua principal bandeira e slogan político antes mesmo de tornar-se vereadora; 6) “Professora Jacqueline”, é do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), legenda de centro-direita. Seu primeiro mandato político foi para o cargo de Vereadora de Manaus, durante o período 2013-2016, pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Tem 55 anos, é casada, mãe e bacharel em Direito e em Pedagogia. Antes de se tornar vereadora, atuava como professora, fato que a motivou a defender, principalmente, a pauta da Educação pública, em Manaus; 7) Professora Therezinha é do Democratas, partido de centro-direita com filosofia conservadora-liberal. Tem 66 anos, é natural de Manaus, viúva e formada em Letras. Foi eleita, pela primeira vez, como vereadora, em 2012. Professora por formação, atuou na área de Educação por mais de 30 anos. Defende pautas da educação e deficientes.

MULHERES NA POLÍTICA: ENTRE ESTEREÓTIPOS E RELAÇÕES DE PODER

A sub-representação feminina nos cargos eletivos da política formal, no Brasil, reflete bem a ideia de que a equivalência de direitos legais conquistados não necessariamente se traduz, na prática, em igualdade política. Alguns teóricos já observaram essa distorção de gênero (MIGUEL; BIROLI, 2011; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2018; AUGUSTA, 2018), que também é identificada historicamente e estatisticamente. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres corresponderam a 52% dos eleitores nas eleições de 2018⁴. Ainda assim, representam apenas 43% dos filiados dos partidos⁵, 30% dos candidatos⁶, 10% dos eleitos⁷ e possuem apenas 30% dos recursos disponibilizados pelos partidos políticos para as campanhas femininas.

Trazendo para uma perspectiva regional, recorre-se ao ano de 2016, nas eleições municipais no Pará. Os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostraram que, em todo o Estado, dos 20.208 registros de candidatura, a maioria (13.885) foi de homens, o equivalente a 69%; enquanto que as mulheres eram pouco mais de seis mil do total de candidatos, isto é, 31% – dentro do mínimo de 30% que, por lei, os partidos políticos devem reservar às candidaturas femininas. As estatísticas⁸ do Tribunal

⁴Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/mulheres-representam-52-do-eleitorado-brasileiro>. Acesso em: 24.08.2018.

⁵Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

⁶Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

⁷ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-10/apenas-12-das-mulheres-candidatas-foram-eleitas-para-prefeituras>. Acesso em: 24.08.2018.

⁸ Disponível em: <http://www.tre-pa.jus.br/>. Acesso em 20.10.2017.

Regional Eleitoral (TRE-PA) apontam ainda uma grande discrepância entre homens e mulheres eleitos: do total de 12.614 vereadores concorrendo, 1.494 se elegeram; enquanto que, das 6.003 candidatas, apenas 240 se tornaram vereadoras. Na Câmara Municipal de Belém, no mandato 2017/2020, eram três as representantes mulheres: Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (MDB). As referidas parlamentares são as únicas no total de 35 vereadores. Já na Câmara Municipal de Manaus, são quatro mulheres do total de 41 cadeiras na Casa: Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas).

Alguns autores compreendem essa dificuldade das mulheres de entrar no campo da política como um contexto de “exclusão democrática” (MATOS, 2018) que ocorre “repetidamente” (PINTO; SILVEIRA, 2018, p. 180). Para Biroli (2018), reflete um cenário na esfera pública de “desvantagem” que não, necessariamente, exclui as mulheres, mas que cria uma rede de privilégios para os homens no campo político. Sob qualquer uma dessas perspectivas, há um elemento comum: a presença de mulheres formalmente eleitas é imprescindível para a democracia representativa devido à estreita relação entre a ampliação do sentido de democracia e a participação de mulheres (BIROLI, 2018), ainda mais quando se tratam de representantes que atuam com tanta proximidade do povo, como é o caso dos vereadores. Contudo, as barreiras de caráter extralegal, e não perceptíveis formalmente, dificultam a carreira política feminina (PINTO; SILVEIRA, 2018; MATOS, 2018; PANKE; IASULAITIS, 2016; PANKE, 2016; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2013; OKIN, 2008). A produção de gênero enquadra as mulheres em um lugar não-pertencente às carreiras políticas.

Para as teóricas feministas, a divisão sexual do trabalho é a organizadora das relações sociais, de maneira a associar os estereótipos femininos ao espaço *privado*, menos valorizado sob a ótica capitalista neoliberal: a família, a vida doméstica, o cuidado; e com características consideradas, também, socialmente “inferiores”, como a docilidade, a fragilidade, a submissão, a emotividade. O espaço *público* – onde está a política institucional –, em contrapartida, configura-se em um *locus* de protagonismo masculino favorável à lógica patriarcal, relacionando os estereótipos desse espaço aos homens: trabalho, prestígio, produção; além de assumirem enquanto gênero características de prestígio, como liderança, virilidade, racionalidade, força, autoridade. Os grupos com maior vulnerabilidade social são aqueles mais afetados pelos estereótipos, na medida em que têm as oportunidades restringidas. Paralelamente, as imagens tipificadas desses grupos permitem que os constrangimentos e as violências contra eles sejam socialmente toleráveis (BIROLI, 2011). É o que ocorre com as mulheres, por exemplo, nas instituições políticas.

Ora, quem vem à mente quando se imagina a figura de uma autoridade? Ou a de um agente político? A tendência é recorrermos a estereótipos masculinos para tanto. Isto porque as imagens padronizadas de representações simbólicas (de pessoas ou ideias) fazem parte da dinâmica em que as identidades sociais e valores se definem. Biroli (2011) indica as vivências das relações sociais como recursos (matéria-prima) para a ocorrência dos estereótipos. E não fatores posteriores a elas. Dessa forma, se, tradicionalmente, as figuras masculinas são apontadas como as legitimadoras do espaço político, são essas que, comumente, virão à mente ao pensar em estereótipos de agentes políticos. Já às mulheres, no âmbito da política formal, em contrapartida, costumam ser associadas como “Primeira-dama”, no estilo “bela, recatada e do lar”⁹.

Ora, se “(...) gênero é uma construção simbólica, estabelecida sobre dados biológicos de diferença sexual” (LAMAS, 2013, p. 12), refere-se, então, a valores, convenções e crenças interpretados, e repetidos ao longo do tempo, por meio de códigos, símbolos e representações do binarismo sobre o que é o masculino e o que é o feminino. Em Biroli (2011), os estereótipos são compreendidos como artefatos morais e ideológicos inseridos nas relações de poder, em aspectos distintos: na confirmação ou na demonstração de que os interesses entre dominantes e subordinados podem não coincidir. Por serem artefatos ideológicos, acabam por beneficiar grupos hegemônicos, pois as caracterizações desses indivíduos costumam ser vantajosas.

Contudo, apesar de serem comumente associados a aspectos negativos, os estereótipos são também utilizados pelas mulheres como estratégia de comunicação e podem influenciar nos resultados eleitorais (PANKE; IASULAITIS, 2016). Na verdade, eles podem ser vantajosos quando correspondem à imagem que o público espera de um representante. É o que foi verificado por Panke e Iasulaitis (2016) na análise da campanha das três latino-americanas concorrendo à Presidência da República, em 2014. A campanha¹⁰ de Dilma Rousseff foi a que mais se utilizou de estereótipos. Contudo, vale lembrar que são tipologias bem-sucedidas, pois se alinham ao ideal “feminino” do padrão heteronormativo, limitando-se a papéis de submissão, docilidade

⁹ Refere-se à famosa matéria da revista *Veja* sobre Marcela Temer, apresentada como “bela, recatada e do lar”. Muito embora não faça menção expressa à Dilma, a revista se utiliza de estereótipos de gênero para descrever Marcela como o modelo “ideal” de mulher. Isto é, bonita, passiva, maternal e na posição política de Primeira-dama. Uma contraposição à Dilma, que não se encaixaria em tais naturalizados atributos sobre o “ser mulher”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 6 jul. 2017

¹⁰ Nela, a então candidata do PT conseguiu “perfeitamente articular os preconceitos do eleitorado” ao se apresentar, publicamente, como “gerentona eficiente e entendida de energia” e, paralelamente, utilizou expressões e simbologias que remetiam à “mãe do PAC, mãe dos pobres, avó e coração valente” (PANKE; IASULAITIS, 2016, p. 412). Os estereótipos como fatores de seleção e de organização de sentidos compuseram as narrativas eleitorais organizadoras de temas e personagem

e beleza. Além disso, Panke (2016) traçou as três principais tipologias das campanhas eleitorais de mulheres, na América Latina: a **Guerreira**, a **Mãe** e a **Profissional**¹¹. De acordo com a autora, nenhuma pessoa pertence unicamente a apenas uma das tipologias. As imagens são propostas de acordo com a personalidade, o contexto e a estratégia. Há ainda um ponto em comum: "(...) os papéis da mulher na sociedade são muito parecidos em todos os países analisados" (2016, p. 115) sejam elas as próprias candidatas, as personagens ou as figurantes dos *spots*. Essas tipologias servirão de guia no nosso percurso metodológico, a ser discutido mais à frente, quando será detalhada a definição de cada categoria de análise.

Assim, os estereótipos, ainda que considerados dispositivos com teor ideológico e de estratégia eleitoral, não funcionam apenas como legitimadores da ordem social de dominação masculina. É possível identificar, em um mesmo contexto, nuances na mobilização de estereótipos, dada a dinâmica e a complexidade da sua produção: ora a favor de pessoas e ideias hegemônicas, ora como elementos de "subversão das hierarquias" (BIROLI, 2011, p. 81). Por esse ângulo, reforça-se que os estereótipos são mecanismos das relações de poder com caráter flutuante, e se moldam a determinada perspectiva, contexto, afetação, presentes no episódio de troca entre indivíduos e grupos.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

As relações de poder não giram em torno apenas de questões institucionalizadas (Estado), ao contrário, estão capilarizadas por toda a nossa organização social. O número e a diversidade de atores que atuam como representantes ampliou recentemente, ganhando reconhecimento social e governamental, além de força para intervir na atividade do representante ou denunciar erros da política formal (ALMEIDA, 2018). Observa-se que novos atores exercem representação por meio de arenas de tomada de decisão transnacionais; na luta por reconhecimento de grupos historicamente marginalizados, que levam ao debate público temas como gênero, raça, sexualidade; e, ainda, na presença de organizações defensoras de uma causa: educação, animais, paz (ALMEIDA, 2018). São atividades de representar que não são legitimadas via eleitoral ou por *consentimento*, e sim por representarem em nome de interesses coletivos, ideias, valores.

¹¹ A análise de Panke (2016) envolveu 216 spots de oito campanhas nas quais as candidatas conseguiram vencer: Cristina Kirchner (Argentina); Dilma Rousseff (Brasil), Michele Bachelet (Chile), e Laura Chinchilla (Chile). + Argentina (2011), Brasil (2010), Chile (2013), Colômbia (2010), Costa Rica (2010), Guatemala (2011), México (2012) e Panamá (2009). Para chegar às tipologias femininas, a autora também realizou entrevistas com as candidatas desses países e com os seus consultores.

Mansbridge (2009) nos mostra que o processo político em que essas decisões são tomadas também pode ser realizado por cidadãos comuns e em vários espaços de deliberação, tanto formais quanto informais: assembleia representativa; assembleia pública; esfera pública; contextos mais informais de conversação cotidiana. Para a autora, a política também opera fora dos cargos decisórios e fora da representação formal, sendo discutida publicamente nas conversas do dia a dia. A “conversação cotidiana” é fundamental no sistema deliberativo, não havendo diferença de *grau* entre ela e o processo de tomada de decisão numa assembleia, por exemplo. A única distinção é o tipo de deliberação. Mansbridge define aquilo que é político como “o que o público deve discutir” (2009, p. 212) e, portanto, reforça a união das conversações cotidianas e do ativismo cotidiano como primordial para o melhor funcionamento do sistema deliberativo e para maior participação política. As reflexões de Mansbridge e Almeida abrem caminho para compreendermos a representação política de forma ampliada, sob o viés comunicacional, no qual se constrói um “relacionamento” (ALMEIDA, 2018) configurado também, discursivamente, e em ambientes não-convencionais. A representação política se fundamenta no *agir*, ou seja, o que o representante *faz*, durante determinado período de tempo. É o que Garcêz entende como uma *atividade comunicacional e discursiva*, focada nos *percursos* constituintes da dinâmica representativa, e não nos resultados.

As premissas são fundamentais para compreendermos a representação como um processo político discursivo, pois é por meio da comunicação que se configura o exercício de representar, as interações simbólicas, as trocas de opiniões e razões, os julgamentos e a fiscalização por parte dos representados. A abordagem da configuração discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus é relevante em um espaço criativo e não convencional, como o Facebook, e pelo qual se observa, após a análise dos vídeos, a possibilidade de estabelecer outros discursos que não apenas o hegemônico, indicando o dinamismo das relações de poder e dos sujeitos cujas opressões, injustiças e desrespeitos sofridos, dentro do âmbito da política formal puderam, em certa medida, ser ressignificados. Compreende-se o Facebook como um ambiente onde as vereadoras gozam de maior autonomia na produção de conteúdos, pois voz e falas possuem maior espaço, e há ainda maior liberdade na organização de narrativas. Diferentemente do que ocorre quando submetidas às rotinas produtivas do jornalismo (no âmbito da mídia tradicional) e seus embaraços, ou até mesmo, nos canais institucionais. Nos ambiente formais, o cidadão precisa ser convocado a falar, e as regras da enunciação dependem de processos de produção mediados por terceiros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dentre a variedade de opções nas mídias digitais (são mais de 200 sistemas de redes disponíveis na internet), o Facebook¹² foi escolhido como ambiente comunicacional, palco do nosso objeto de pesquisa. Isto porque é uma plataforma com intenso fluxo de informação e com maior tráfego de acesso no mundo (CONTREIRAS, 2012). Já a escolha dos vídeos do Facebook como objeto foi impulsionada tanto pelo caráter de autonomia das vereadoras de Belém e de Manaus na produção e veiculação do conteúdo, quanto pelo fato da plataforma se mostrar bastante relevante, na junção de interatividade do ambiente virtual com a força da imagem (vídeos), tão importantes para a comunicação política. É possível, ainda, haver uma série de formatos de mídia para atingir o público-alvo no Facebook por meio de: *webinars*; infográficos; montagens; *quizzes*; transmissões ao vivo. É um espaço de forte caráter discursivo e interativo, com características que facilitam a interação nos ambientes de mídias digitais, o que abre espaço para possíveis trocas argumentativas (MAIA *et al.*, 2016).

Observaram-se, ainda, as mídias digitais como possíveis alternativas à divulgação de conteúdos e para a expressão discursiva de agentes políticas, em virtude da reduzida visibilidade midiática das mulheres na grande mídia e, ainda, em canais institucionais. A primeira versão da pesquisa *Global Media Monitoring Project*, realizada em mais de 70 países, com análises de jornais, rádio e televisão, constatou que apenas 15% dos sujeitos das notícias eram mulheres; em 2015, o número passou para 24% (um aumento de 3% em 20 anos). Além disso, os estudos conduzidos demonstram que, também na política, as mulheres alcançam menor visibilidade midiática, e que a maioria dos assuntos relacionados às mulheres era predominantemente sobre saúde e temas sociais¹³. Ademais, há baixa visibilidade das mulheres na política nos canais institucionais oficiais, como o portal de notícias da Câmara Municipal de Belém. A pesquisa realizada por Kahwage *et al.* (2019) analisou o conteúdo de 45 matérias publicadas no canal oficial da CMB, tendo como ponto de partida o contexto de sub-representação feminina institucional, constatada por dados oficiais e pela teoria política feminista, além do cenário de baixa visibilidade midiática. Identificou-se, então, que a representação política das parlamentares na Câmara Municipal de Belém (Marinor Brito, Blenda Quaresma e Simone Kahwage) refletiu o

¹²Criado, em 2004, por Mark Zuckerberg, o Facebook possui mais de um bilhão de usuários ativos mensalmente. Conforme dados do *SocialBakers*, de outubro de 2012, o Brasil é o 2º maior país em número de usuários do Facebook, e tem mais de 60 milhões de usuários ativos. É importante ressaltar que a rede social agrega vários serviços, como Chat, Videoconferências, Galeria de Imagens, Anúncios, Aplicativos, Games, Feeds, Páginas Empresariais, etc. (FRANCO; CALAÇA, 2014, p. 159), mostrando a multiplicidade de ferramentas para o usuário interagir e compartilhar conteúdos *online*.

¹³Disponível em: http://cdn.agilitycms.com/who-makes-the-news/Imported/reports_2015/highlights/highlights_en.pdf. Acesso em: 02.04.2017.

contexto político de sub-representação feminina devido a alguns resultados encontrados, como: a baixa referência às vereadoras nas matérias; o reduzido conteúdo sobre questões femininas; as poucas vozes femininas (fontes) ouvidas nas matérias em detrimento das masculinas, majoritárias; e a voz institucionalizada das mulheres entrevistadas nas reportagens.

O **objetivo geral** deste artigo¹⁴ é compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no Facebook. O **método** é o de análise de conteúdo. O **corpus** é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020) Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM), da 17ª Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares de Belém e 124 são das parlamentares de Manaus. O recorte incluiu as postagens a partir do dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). Para chegarmos ao recorte final¹⁵, realizamos o cálculo amostral, mas mantendo o nível de confiança no método:

Tabela 1 - Amostragem dos vídeos (sorteio)

Vereadoras	Total <i>corpus</i>	% de vídeos	Total a ser analisada	Quantidade
BLENDA QUARESMA	39	8,5		18
MARINOR BRITO	112	24,3		51
SIMONE KAHWAGE	38	8,3		17
JOANA D'ARC	154	33,5		70
GLÓRIA CARRATTE	4	0,9		2
PROFESSORA JACQUELINE	52	11,3		24
PROFESSORA THEREZINHA	61	13,3		28
TOTAL GERAL (VIDEOS ANALISÁVEIS)	460	100,0		210
AMOSTRA (5% de erro amostral// 95% de confiança)	210			

¹⁴Vale ressaltar que este artigo compreende a um desmembramento da dissertação de mestrado de Nathália Kahwage, defendida no 1º semestre de 2019, pelo PPGCom/UFGA.

¹⁵ Os vídeos selecionados foram identificados após criarmos uma tabela com numeração para cada um deles, bem como o *link* de acesso.

Com o material empírico preliminarmente explorado e ordenado, recorreu-se aos conhecimentos da literatura levantada sobre os principais conceitos trabalhados: representação política; gênero; estereótipos; mídias digitais. Um livro de códigos foi desenvolvido com informações básicas e categorizadas para ser guia na análise de conteúdo dos vídeos. Criamos também dois quadros metodológicos com definições fundamentais sobre as teorias levantadas, e que serviram de apoio para o exame do material empírico, pois condensaram as ideias norteadoras e as marcas textuais a serem apreendidas nos vídeos. O livro e os quadros correspondem a duas temáticas: 1) Relações de poder; 2) Estereótipos. Finalmente, desenvolvemos um formulário para a análise de conteúdo. A categorização e a sistematização do material de análise foram realizadas com auxílio do *app online Formulários Google*. Criamos as categorias na sua interface e preenchemos as lacunas com as informações apreendidas na visualização e no exame dos vídeos. Em seguida, os dados obtidos nos formulários foram exportados para o *Excel*, em formato de planilhas, facilitando assim, a observação do panorama geral de dados, a análise e o cruzamento dos mesmos.

Buscamos, neste trabalho, realizar um mapeamento de recorrências e regularidades nos vídeos do ambiente comunicacional online, englobando tanto os pontos que mais chamaram a atenção, e foram expostos diretamente nas imagens e na verbalização, quanto aqueles compreendidos simbolicamente ou por interpretação contextual. Examinamos a fala pública das vereadoras, levando em consideração, principalmente, marcas textuais que fizessem explícita, ou implicitamente, referência aos estereótipos de **Mãe**, **Guerreira** e **Profissional**¹⁶; e também, da mesma forma, que sinalizassem elementos indicativos das relações de poder: *power to*; *power over* e *power with*. Para tanto, foram levadas em consideração algumas marcas textuais como o uso de pontuação ou de recursos da oratória e da retórica das parlamentares; referências a situações e habilidades específicas; posturas de questionamento, de concordância, de valorização e/ou de análise dos contextos em que estão inseridas na disputa de poder. Também observamos outros aspectos discursivos nos vídeos, por exemplo, o cenário, a trilha sonora, a roteirização, os recursos de arte e de edição de vídeo, as legendas, a presença ou não de personagens e/ou outros atores, a presença

¹⁶As tipologias criadas por Panke (2016) são referentes a padrões femininos em campanhas eleitorais para presidenciáveis. Contudo, utilizamos esse referencial teórico por entender que é uma valiosa contribuição para a comunicação política e os estudos de estereótipos, constituindo-se em um dos poucos trabalhos nessa linha. Em especial, a tipologia **Mãe** é problemática, e reconhecemos isso, pois ao acioná-la, corre-se o risco de cair na armadilha que a própria estereotipia cria, de aprisionamento, na qual características como solidariedade, gentileza, suporte, apoio e cuidado, ligam-se intimamente à figura maternal, por exemplo. Compreendemos que esses não são aspectos ligados obrigatoriamente às mães (mas que são frequentemente mobilizados pelo senso comum para fazer referências sobre o *feminino*), ainda assim, optamos por fazer uso da tipologia, pois se trata de um esquema metodológico já construído e organizado por Panke, e que nos auxiliou no percurso metodológico.

masculina, a aparência física, os atributos morais, o tempo de vídeo, o número de visualizações, etc.

Ao todo, foram criadas 13 categorias: informações gerais; formato do vídeo; função do vídeo; projetos de autoria; onde está a vereadora; atual gestão municipal; gestão estadual; temática central; partido político; estereótipos (principal e secundário); relações de poder (principal e secundária). Para os fins deste artigo, descreveremos apenas três: **1) Informações gerais:** dados sobre a autora do vídeo; a data da postagem; a duração do vídeo; o tempo do vídeo; e o número de visualizações; **2) Estereótipos da candidata:** embasada nas tipologias identificadas para mulheres na política na América Latina, pela autora Luciana Panke (2016), incluindo a Guerreira; a Mãe; a Profissional ou nenhuma (esta acrescentada por nós). O objetivo é identificar quais as características observáveis nos vídeos (discursos) que direcionam o enquadramento de cada vereadora em um estereótipo, levando em consideração aspectos centrais tipificadores e marcas textuais perceptíveis nas imagens e na linguagem. Um segundo tópico, com mesma temática, foi elaborado, mas apontando a tipologia com segundo maior peso; **3) Relações de poder: Qual a principal?** Com base nas formulações de Danila Cal (2016) e Amy Allen (1998, 2013) sobre poder, objetiva-se identificar as seguintes definições para o termo: *Power over* (dominação); *Power to* (resistência e empoderamento); *Power with* (solidariedade).

O primeiro quadro metodológico desenvolvido envolveu as marcas discursivas para a identificação de relações de poder em produtos audiovisuais, incluindo o tipo de relação de poder (*power over, power to, power with*); o aspecto central (dominação, resistência e subversão, solidariedade); as ideias norteadoras (CAL, 2016, p. 153); as marcas nos produtos audiovisuais; as marcas simbólicas (nos atributos físicos, vestimenta, gesticular, tom de voz, oratória). Já o segundo dispõe das tipologias femininas mais frequentes, em campanhas eleitorais (*spots*), de candidatas à Presidência da República, na América Latina, e que foram formuladas por Panke (2016). O aspecto central, as ideias norteadoras e as marcas nos vídeos, dispostos abaixo, foram propostas da teoria da autora, cujas formulações foram adaptadas, nesta pesquisa, para mulheres já eleitas, em âmbito do legislativo municipal, do contexto amazônico. Os aspectos gerais dos estereótipos são: 1) Guerreira (liderança e luta); 2) Mãe (afeto e cuidado); 3) Profissional (especializada e incansável).

ANÁLISE DE RESULTADOS

Os dados gerais referentes à quantidade de vídeos analisados no Facebook das sete vereadoras somadas, e ainda os vídeos explorados por cada parlamentar, estão conforme o quadro disposto abaixo:

Tabela 2 - Vídeos analisados

	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (DEM)
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,6%	24,3%	8,1%	1%	32,9%	11,9%	13,3%
GERAL	86 (40,9%)			124 (59,1%)			

Examinamos o estereótipo que as vereadoras de Belém e de Manaus acionaram, com mais frequência, nos vídeos postados nos perfis e *fanpages* do Facebook, e como o posicionamento das parlamentares combate, neutraliza ou reforça os estereótipos de gênero. Isto porque estereótipos associam-se com as relações de poder baseadas na hierarquia de gênero, já que possuem uma dimensão moral e, portanto, costumam ter impacto negativo na imagem das mulheres na política formal. Contudo, podem ser ressignificados. Os dados gerais das sete vereadoras, dentro do *corpus* de 210 vídeos, apontaram o **estereótipo central** entre todas as vereadoras é o de **mãe**, com 96 ocorrências (45,7%); seguido do **profissional**, com 65 (31%); e **guerreira**, com 44 (21%). **Não se enquadram** na categoria cinco vídeos (2,4%). Já a *tipologia secundária* mais recorrente nos vídeos foi a **profissional**, com 51 ocorrências (25%); **mãe**, com 39 (19,1%) e **guerreira**, com 22 (10,8%). Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, sobre a *principal tipologia* são: **mãe** 39 vídeos (44,3%); **guerreira** 28 (31,8%); **profissional** 18 (20,4%); **nenhum** três (3,4%). Já para os 124 vídeos apenas de Manaus, as ocorrências são: **mãe** 57 (45,9%); **profissional** 49 (39,5%) e **guerreira** 16 (12,9%). Além disso, 98 (46,6%) vídeos **não se enquadram** em nenhum estereótipo. A constatação demonstra similaridades com os resultados encontrados por Panke (2017), que identificou que apenas dois papéis estão em todos os países analisados da América Latina por ela analisados: **Mãe** e **Guerreira**. Panorama que se aproxima, também, dos dados obtidos apenas com as vereadoras de Belém, e com a soma de todos 86 os vídeos postados pelo grupo. A **principal tipologia** foi a de **Mãe**, com 39 ocorrências (44,3%); seguida da **Guerreira**, com 28 vídeos (31,8%); e da **Profissional**, com 18 (20,4%). Três vídeos (3,4%) **não se enquadraram** em nenhum estereótipo principal. No caso das vereadoras de Manaus, a análise é um pouco distinta. Dos 124 postados pelo grupo, 57 vídeos (45,9%) foram identificados com a

tipologia central de **Mãe**; seguida de **Profissional**, com 49 ocorrências (39,5%); e **Guerreira**, com 16 (12,9%). Já 98 vídeos (46,6%) **não se enquadraram** nos itens dispostos na categoria.

Referindo-se, ainda, apenas ao grupo belenense, duas das três vereadoras possuem a tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR). Marinor Brito (PSOL) teve resultado diferente, o de **Guerreira**, que será comentado logo mais. As vereadoras de Belém com o estereótipo materno possuem em comum o forte discurso social, a proximidade com pessoas de comunidades, além da existência de um cenário, nos vídeos, agindo como componente fundamental do conjunto de “marcas” a guiar quem assiste, levando ao entendimento de determinados aspectos ou estruturas cognitivas de expectativas sobre o grupo **Mãe**. Ambas as parlamentares possuem, ainda, semelhanças em elementos da “feminilidade”, como o uso frequente de maquiagem, de roupas com estampas floridas e em tons de rosa. Todavia, a tipologia **Mãe** se manifesta com algumas peculiaridades para cada uma: Blenda, apesar de ser mãe, não mostrou o lado maternal em si como uma característica pessoal, isto é, surgindo com a filha, ou abraçando e cuidando de crianças. O “maternar” veio como uma característica fundamental na constituição de uma narrativa sobre si mesma como “boa moça”, que faz ações sociais e “ouve” a comunidade, ou seja, a mãe que “cativa”. A principal temática, abordada nos vídeos postados no perfil social do Facebook dela, foi o **Assistencialismo**. Apresentou, ainda, grande simpatia, desenvoltura para lidar com o público e se mostrou também expansiva nos gestos e demonstrações de afeto. Traços que não são marcantes em Simone Kahwage, já que seus atributos envolvem mais a discrição e o tom de voz suave e calmo, mas que ainda assim, buscam transmitir liderança. A vereadora do PRB recorre à tipologia **Mãe**, para “contar histórias”, nos vídeos analisados no Facebook, sobretudo, aquelas emotivas, tentando marcar postura como aquela que “lidera”, e representa os interesses das mulheres. Uma perspectiva alinhada com a principal temática debatida nos vídeos: **Mulheres**. Algumas produções são roteirizadas e pós-finalizadas, agregando mais elementos à narrativa maternal como a trilha sonora, as imagens de *insert* com mães e crianças; os depoimentos, etc.

Já entre as vereadoras de Manaus, três das quatro parlamentares recorrem à tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Joana D’arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); Professora Therezinha (Democratas). Glória Carratte (PRP) teve resultado distinto, o de **Profissional**, que comentaremos mais à frente. De maneira geral, os vídeos apostam na pós-produção e, portanto, possuem melhor “acabamento” visual, principalmente o conteúdo de Joana D’arc e Professora

Therezinha. As parlamentares de Manaus apresentam similaridades quanto ao discurso social, a “marca” mais básica relacionada ao estereótipo materno, mas também características como o cuidado, a defesa de determinados grupos e a postura atenciosa. Possuem ainda em comum o enaltecimento da própria experiência como qualidade presente na tipologia e, conseqüentemente, no agir político. No entanto, mobilizar a imagem de **Mãe** se configurou com nuances próprias a cada candidata. Joana D’arc (PR) focou na experiência como ativista para compor a figura materna que “cuida”, principalmente dos animais e do meio ambiente, e, portanto, devido à militância, carrega no conteúdo divulgado nos vídeos analisados aspectos progressistas da representação política; Professora Jacqueline (PHS) ressalta a experiência como educadora e pedagoga para simbolizar a mãe que “educa”, utilizando-se desse “combo” **Mãe x Educação**, principalmente, em um contexto eleitoral; por fim, Professora Therezinha (Democratas) recorre ao estereótipo materno para reforçar o quanto é experiente e apta para “gerenciar”, principalmente, tratando-se de educação. É válido ressaltar que, de forma complementar ao discurso social, as vereadoras da capital amazonense também recorreram a elementos sonoros e visuais, que estimulam a subjetividade por se associarem ao universo “feminino”.

Na comparação dos vídeos analisados das vereadoras de Belém e os das vereadoras de Manaus, que utilizam a tipologia **Mãe**, percebeu-se que os elementos sonoros e visuais, relacionados à “feminilidade”, estão mais presentes nas postagens das vereadoras de Manaus (que realizaram produções audiovisuais mais sofisticadas). Os casos mais marcantes, ou seja, aqueles verbalizados em palavras ou na vestimenta, por exemplo, são pontuais. É o contrário do observado nas parlamentares de Belém, que apresentaram traços mais marcantes visualmente, tanto no uso de palavras como “empoderamento”, “minha amiga”, “fora da mulher”, “lugar de mulher também é na política” etc., quanto na simbologia da roupa (florida, justa, cor de rosa) e na aparência (batom vermelho, maquiagem pesada, cabelos escovados). As parlamentares de Belém fizeram uso de elementos sonoros e visuais nos vídeos, porém, não de forma tão enfática quanto a verbalizada. Além disso, as vereadoras de Belém também foram as que, sob a tipologia **Mãe**, mostraram mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções. Outro aspecto é que as duas únicas ocorrências do **tema Religião** foram associadas à figura de **Mãe**, e em vídeos das parlamentares de Belém, que surgiram em eventos evangélicos: Blenda Quaresma e Simone Kahwage.

São trazidos ainda os dados gerais sobre as relações de poder presentes nos 210 vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus, postados nos perfis pessoais e/ou *fanpages* Facebook, que revelaram 122 vídeos (58%) com a relação de poder *central* sendo mobilizado **power to**; 47 de **power over** (22,3%); e 42 **power with** (20%). Já a segunda relação de poder de maior recorrência é também a **power to**, com 36 ocorrências (17,1%); seguida de **power over**, com 5 (2,3%); e **power with**, com 1 (0,4%). Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, indicaram que a *principal* relação de poder nesse grupo é: **power to**, com 46 ocorrências (53,4%); seguida de **power over**, com 23 (26,7%); e **power with**, com 17 (19,7%). Já para os 124 vídeos, apenas de Manaus, as ocorrências são: **power to**, com 73; **power with**, 25 e **power over**, 24. Ao examinar os dados gerais nos vídeos do Facebook para as sete vereadoras, constatou-se a relação de poder **power to** como a principal associada à tipologia de **Mãe**, no tratamento da temática central **Cultura e Meio Ambiente**, contexto bastante impulsionado por Marinor Brito (PSOL) e Joana D'arc (PR), que se destacaram nas temáticas, e nessa forma de poder por terem sido as que mais fizeram referência, e em maior quantidade de vídeos. Na combinação de empoderamento com **power with**, observa-se mudança no estereótipo, que passa a ser o de **Profissional** para discorrer sobre **Meio Ambiente**. Já a segunda relação de poder de maior ocorrência, depois de **power to**, foi a de **power over**, também movida pela tipologia **Mãe** só que, dessa vez, para abordar o assunto **Assistencialismo**.

As relações apresentadas demonstram o caráter oscilante dos estereótipos (imagens negativas ou positivas) dentro das relações de poder. Elas também são fluidas devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos a depender do recorte. Isto é, ainda que haja uma forma de poder que chame mais a atenção, em determinada situação, ela não finaliza em si mesma. A depender dos dispositivos (estereótipos, papéis sociais, etc.), dos códigos (linguísticos, culturais, institucionais e práticos), da posição social dos indivíduos e dos diferentes níveis de autonomia, o “episódio interacional” (BRAGA, 2017) é singular dentro da própria pluralidade. Como já mencionado, a tipologia **Mãe** foi mobilizada em episódios diferentes e, apesar de ser o mesmo estereótipo, provocou impressões distintas quando na abordagem de temáticas divergentes. Foi opressora ao tratar de **Assistencialismo** e, em contrapartida, revelou-se tipologia de empoderamento quando se alterou o foco para **Cultura e Meio Ambiente**. Ademais, o olhar sob outra perspectiva demonstrou, ainda, que a imagem materna também pôde ser deixada de lado, ainda que no mesmo contexto de empoderamento, para seguir no debate do mesmo tema (**Meio Ambiente**). Nesse caso, o estereótipo recorrido foi o da **Profissional**, que acabou por

operar junto à outra forma de poder: **power with**. Os vídeos em questão, boa parte, são de autoria de Joana D'arc que, além de vereadora, é ativista, e liga-se ao aspecto central da “luta” de **power to**, e da “ação coletiva” do **power with**.

Relembra-se a premissa de que toda a relação de dominação gera resistência. Portanto, mais da metade das relações de **power over** presentes nos vídeos do grupo de Belém, foi atravessada por **power to**, mudando o estereótipo principal para **Mãe**, e enviesando o tema central, dessa vez, para **Eleições**. A demonstração, nesse cenário, é de que a dominação surgiu como sujeição das vereadoras Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR), no cenário político formal. Os vídeos, dentro desse cruzamento de dados, eram referentes ao período de campanha eleitoral de ambas ao Parlamento Municipal. Em todos, há concordância com acepções naturalizadas da marginalização da mulher na esfera pública (CAL, 2016), pois são silenciadas, nas próprias campanhas, por vozes masculinas. Porém, essa é uma perspectiva, já que o fato de concorrerem a uma vaga de vereadora e perseguirem projetos de vida que incluem a carreira política são formas de empoderamento. Em relação aos vídeos analisados do Facebook das vereadoras de Manaus, a principal relação de poder foi também **power to**, porém, as parlamentares utilizaram estereótipos diferentes das de Belém. **Mãe** e **Profissional** tiveram o mesmo número de ocorrências para essa forma de poder, e vieram acompanhadas de duas temáticas com o mesmo número de registros: **Meio Ambiente** e **Educação**. Isso significa que elas mobilizaram características maternas como a atenção, a escuta, a empatia e a sensibilidade, bem como marcas profissionais, associadas à disposição para trabalhar, para aprender, e que são incansáveis. Detalhando ainda mais o contexto, identificou-se, conforme com as vereadoras de Belém, **power to** associado à **power with**, mas para isso, assumiu-se apenas a tipologia **Profissional**, e manteve-se somente a temática **Meio Ambiente**. É um reflexo, boa parte, em função dos vídeos de Joana D'arc (PR) que é militante da causa animal e, em suas postagens, está sempre trabalhando, ativa, prestando contas, fiscalizando serviços, visitando espaços diferentes, chamando os seguidores para ajudarem. São aspectos relativos ao perfil profissional, ao empoderamento e à solidariedade.

Acrescenta-se ainda que, em comparação com as vereadoras da capital paraense, as da capital amazonense mostraram mais mobilidade na relação de dominação, no que diz respeito ao reposicionamento de lugar como sujeito agente/paciente, ou seja, mostraram-se tanto dominadas quanto dominantes, discursivamente, nos vídeos do Facebook, de forma quantitativa; enquanto que o grupo de Belém mostrou-se nas relações de poder **power over** x **power over**, de forma mais frequente, incluso na posição de dominadas. Além disso, o estereótipo

Mãe foi o mais utilizado, seguindo o mesmo padrão identificado nas pesquisas de Panke (2016), com os *spots* para campanhas eleitorais de candidatas à presidência, na América Latina. Além disso, de maneira geral, apresentou-se como o estereótipo mais flutuante nas relações de poder, indicando que **Mãe**, o “principal papel da mulher latino-americana” (PANKE, 2016, p.135), o mais sacralizado e um dos mais limitadores à identidade de gênero da mulher, pôde ser ressignificado na “teia de relações nas quais se inscrevem esses sujeitos” (CAL, 2016, p. 86). Isto, claro, no ambiente comunicacional do Facebook.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no Facebook. Os estudos sobre representação política discursiva, teoria política feminista, relações de poder, estereótipos, comunicação e mídias digitais nos auxiliaram no debate, e em tensionamentos importantes para a compreensão da problemática. Destaque para o **estereótipo central**, recorrido pelas parlamentares nas postagens do Facebook: o de **Mãe**. Seis das sete vereadoras em questão tiveram os vídeos classificados na tipologia e, em termos comparativos entre os grupos de Belém e de Manaus, o estereótipo maternal também se sobrepôs sobre os demais de **Guerreira** e **Profissional**. É um padrão já indicado por Panke (2016): Mãe é a “imagem ideal” mais comum entre as mulheres da América Latina. Coincidentemente, todas as vereadoras a apresentarem o estereótipo de **Mãe** como tipologia principal dos vídeos analisados apresentaram temas relacionados à área social.

Percebeu-se ainda a mobilidade existente na utilização dos estereótipos e seus sentidos, ainda que se refiram à mesma tipologia. As parlamentares de Belém e de Manaus acionaram, com frequência, o estereótipo **Mãe**, porém com nuances distintas. As vereadoras da capital paraense mostraram, nos vídeos, mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções. Mais instigante, ainda, foi observar a fluidez e o caráter oscilante dos estereótipos (imagens negativas ou positivas), dentro das **relações de poder**, as quais também são *móveis*, devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos, nas próprias relações, e dos seus diferentes níveis de autonomia. São aspectos que demonstram o “episódio interacional” (BRAGA, 2017), entre grupos e indivíduos, como sendo singular, ainda que, agindo dentro de contexto plural.

Os dados gerais da análise sobre as **relações de poder** presentes nos 210 vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus, postados nos perfis pessoais e/ou *fanpages* Facebook, revelaram que a relação de poder *central*, mobilizada por elas, foi **power to** – é esse conceito, associado à empoderamento e resistência, que destacamos, pois também foi central quando analisadas, isoladamente, as vereadoras de Belém e de Manaus. O cruzamento com o estereótipo de **Mãe** foi o mais revelador. Ainda que seja umas das imagens mais “aprisionadoras” da mulher no ideal de feminilidade, e que, em todos os casos analisados, teve em comum as emoções e o afeito como centrais, é uma tipologia capaz de ser ressignificada, como ocorreu entre as vereadoras dos dois municípios. Ao ser mobilizada, em episódios diferentes, **Mãe** ora foi opressora, ao tratar de **Assistencialismo**; ora foi utilizada como ferramenta de empoderamento; ora como mecanismo de solidariedade, quando alterava-se o foco para temáticas como **Cultura e Meio Ambiente**, por exemplo.

Estudar as relações de poder e os estereótipos, sob diferentes nuances, contribuiu para percebermos que as vereadoras, ainda que estejam em cargos decisórios, e sejam consideradas mulheres que “chegaram ao poder”, ainda assim, são passíveis de dominação, em um espaço considerado a última instância do poder masculino (SARMENTO, 2017): a política formal. Porém, não se limitam a apenas um contexto. Complexificar as relações de poder e o uso dos estereótipos, para além do usual, move as mulheres do lugar de vítimas ou passivas e as identifica também como sujeitos políticos capazes de praticar outras formas de poder: resistência, empoderamento, solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Amy. **Rethinking Power**. Hypatia, v. 13, n. 1, p. 21-40, 1998.

_____. **Feminist Perspectives on Power**. In: ZALTA, Edward N. (Ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford: CSLI, 2013. on-line.

ALMEIDA, Debora Rezende de. **O conceito de representação política e suas variações contemporâneas**. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ALVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira (Org.). **Desafios de identidade: espaço-tempo de mulher**. Belém, CEJUP, 1997.

BIROLI, Flávia. **Agentes imperfeitas: contribuições do feminismo para a análise da relação entre autonomia, preferências e democracia**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 9, p. 7-38, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522012000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2018.

_____. **Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, p. 81-105, 2013.

_____. **Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática.** Vinhedo: Horizonte, 2013.

_____. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil.** São Paulo : Contexto, 2017.

_____. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil.** 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. **Matrizes internacionais. A comunicação constrói a sociedade.** Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CAL, Danila. **Comunicação e trabalho infantil doméstico: política, poder, resistências.** Salvador: UFBA, 2016.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **A representação política em uma perspectiva comunicacional.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 26., 2017, São Paulo. Anais... Brasília: Compós, 2017.

LAMAS, Marta. (Comp.). **El género: la construcción cultural de la diferencia sexual.** México: UNAM, 2013.

MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Org.). **Internet e participação política no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

MANSBRIDGE, Jane. **A conversação cotidiana no sistema deliberativo.** In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). A deliberação pública e suas dimensões sociais políticas e comunicativas: textos fundamentais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 207-238.

MATOS, Marlise. **Inclusão Democrática no Brasil Contemporâneo: Desafios de uma agenda inconclusa.** In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Feminismo e Política: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 2014.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado.** Revista Estudos de Gênero, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio-ago. 2008.

PANKE, Luciana. **Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências.** Curitiba: UFPR, 2016.

PANKE, Luciana; IASULAITIS, Sylvia. **Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais.** Opin. Publica, Campinas, v. 22, n. 2, p. 385-417, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v22n2/1807-0191-op-22-2-0385.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim; SILVEIRA, Augusta. **Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014).** Opinião Pública, v. 24, p. 178-208, jan./abr.2018.